

MUSICALIZAÇÃO POR MEIO DA FLAUTA DOCE: MOBILIZANDO EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES COM DOCENTES

Profª Mestra Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon
Conservatório Belas Artes de Joinville (CBAJ)/
Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE (NUPAE)
mirtes@belas.art.br

Profª Mestra Hilda Natume
Conservatório Belas Artes de Joinville (CBAJ)/
Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE (NUPAE) hilda@belas.art.br

Resumo: este artigo vem compartilhar experiências de um curso de formação musical a professores leigos e de música por meio da flauta doce numa escola de artes. O objetivo da pesquisa teve como foco a análise das práticas educativas em musicalização através da flauta doce com os participantes da investigação, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando aprendizados e experiências como possibilidades de construção de sentidos e relações com o cotidiano em sala de aula. A metodologia cartográfica e alguns autores como Deleuze (2010), Kastrup (2014) e Larrosa (2012) embasaram nossa proposta. As ações com os professores durante um ano de pesquisa apontaram um território de sensibilidades, atravessamentos didáticos e artísticos, além de efeitos multiplicadores. Outra possibilidade foi oportunizar ao final da pesquisa encontros mensais para uma prática de conjunto na concepção de orquestra de flautas doces como meio de estudo contínuo.

Palavras Chave: Flauta doce, experiência, formação docente, práticas educativas.

Introdução

Este artigo comunica experiências das aulas de musicalização através da flauta doce, para professores leigos em música e professores de música, ministradas no Conservatório Belas Artes de Joinville/SC, no período de setembro de 2018 a agosto 2019, relato este onde compartilhamos as ações artísticas, metodológicas e fruidoras, tendo a mediação cultural como prática educativa constante entre professores leigos, o próprio mediador e outras percepções que se constituíram nesse diálogo.

Assim, é importante compreender a mediação como uma intervenção ou um ato de mediar. Nesse sentido, a mediação:

Envolve assim dois pólos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediano, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Esses desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor,

buscando a fruição-ação ou efeito de fruir: gozo, posse usufruto. (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p.25).

Numa proposta de ação educativa em musicalização que se caracterizou pela aproximação dos professores leigos em música e dos já atuantes como educador musical, entretanto, sem a formação em flauta doce foi se mobilizando com os espaços, os objetos, os lugares, as pessoas, os mediadores e tudo ao seu entorno, como um caminho encontrado para a construção de experiências e aprendizagens sensíveis.

Destacamos aqui a escritura em primeira pessoa e beirando, por vezes a poética, pela opção da metodologia da cartografia, pois pesquisar nessa abordagem é também conectar afetos. Para nós, cartógrafas, é essencial ativar o potencial de ser afetado; educar os sentidos para que habitem e transitem “[...] durações não convencionais, para além de sua formação sensível trivial, ativando algo de suprassensível, dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada” (POZZANA apud PASSOS, KASTRUP, TEDESCO, 2014, p. 63).

Portanto, temos como apoio nesta pesquisa a experiência compreendida e sentida como um saber que surge do fazer/pensar/fazer, sendo múltiplas as entradas numa cartografia, configurando-se em um mapa móvel, que se deslocam entre sons, experiências, saberes e atitudes; são as pistas que guiam os processos e os caminhos de pesquisa (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2014).

E dessa forma, estabelecemos como objetivo: analisar as práticas educativas em musicalização através da flauta doce com professores leigos e professores de música, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando aprendizados experiências como possibilidades de construção de sentidos e relações com o cotidiano em sala de aula.

Para nos aproximar do objetivo foram percorridas algumas etapas durante o processo de investigação, como por exemplo: mapear as aulas com as práticas em musicalização com flauta doce, tendo como base experiências com o grupo de professores que já trabalham com música e outros professores leigos em música; possibilitar experiências estéticas, a fim de produzir subjetividades no e com o grupo investigado; registrar as aulas semanais a fim de acompanhar o processo; analisar os efeitos produzidos nas práticas educativas em musicalização, compartilhando repertórios e desenvolvendo a didática proposta pelo programa, entre outros.

Nossa mobilização para desenvolver esse tema, foi principalmente por algumas questões que temos observado ao longo de nossa experiência como professoras/pesquisadoras em

contextos de formação docente. Pois, ainda é pouca a valorização da flauta doce como um instrumento que se possa avançar após um processo de musicalização ou de iniciação musical.

E, a partir disso, duas questões de pesquisa nos tomaram: experiências em musicalização através da flauta doce com docentes em música e leigos podem contribuir nos processos sensíveis em suas práticas docentes cotidianas? Que possibilidades podem ocorrer para uma prática artística durante o processo da investigação?

Nesta concepção, as aulas foram realizadas num espaço que promove o ensino nas linguagens em música, teatro, dança e artes visuais, desenvolvendo ainda um programa de ensino voltado a cultura, expressão técnica e artística num cunho de socialização. A pesquisa esteve inserida nesse espaço não somente pelas investigações dos alunos em trabalhos de final dos cursos técnicos em música e teatro, mas também pelo viés de grupo de estudos e professores/pesquisadores da instituição.

Enquanto mediadoras/pesquisadoras, tivemos a possibilidade de construir novos saberes com o trabalho coletivo, saberes estes que vão para além da pesquisa. Legitimamos com cada um deles, conceitos novos para nós. Podemos dizer que foram tempos de troca, de quem busca investigar afetos, sentidos e percepções, cautelosos na busca dos mínimos detalhes, minúcias que possam dar maior gramatura em nossas escritas e outras potencialidades para nossa própria formação docente.

Tornaram-se uma preocupação e responsabilidade compartilhadas por todos nós pesquisadores. Aprendemos uns com os outros, sem qualquer tipo de hierarquia, num universo em que todos nós éramos curiosos aprendizes.

A educação como prática educativa com professores já formados em outros instrumentos, com professores leigos em música, representa um dos caminhos para serem explorados e percorridos, com possibilidades metodológicas, construção de novos conhecimentos, aprendizagens musicais, interpretativas e prazerosas, como as que ocorreram neste tempo em que convivemos.

As aulas semanais – desafios com o novo instrumento e outros diálogos

Todas as semanas, às quartas feiras das 8h às 09h15min da manhã nós nos encontrávamos, na mesma sala? Não, mudávamos a sala para ativar conexões e outras sensações.

Assim, em busca de levar aos professores aos encontros/aulas com a musicalização atravessando a flauta doce, o canto e a cultura, e vice e versa... Propusemos então aulas semanais, as quais, depois de pensadas, planejadas e organizadas, foram sendo constituídas por todos nós. A observação desvelou que o grupo partícipe esteve aberto a conhecer novidades no que se refere ao aprendizado da música, utilizando a flauta doce como instrumento, sendo para alguns o primeiro instrumento e para outros como segundo instrumento.

Nesse contexto, os sujeitos foram provocados a adequar seus conhecimentos musicais a outro instrumento que não era o seu de formação musical. Nesse movimento, histórias de aprendizados foram lembradas, coletadas, compartilhadas. Cada música aprendida e tocada trouxe um significado estabelecendo um diálogo entre os aprendizes de um novo instrumento e, nós pesquisadores, assim como as práticas educativas desenvolvidas, numa didática moderna, lúdica e provocativa, estabelecendo troca de experiência entre os mesmos.

Para tal artifício acadêmico, a linguagem/expressão da música fez-se necessária como um plano de flutuação para que conexões pudessem ser estabelecidas entre os experientes em música e os não tão experientes. Logo percebemos a generosidade e a troca que se foi constituindo entre os sujeitos, por meio das mediações que ocorriam de nossa parte para trazer os conteúdos ligados ao repertório cultural.

Nesse aspecto é impossível não trazer o entendimento de mediação numa abordagem que sinaliza a mediação como “[...] passagem de um lugar construído que permite então criar, nesse intervalo espaço-temporal, uma relação entre pessoas, obras e objetos da cultura”. (LIMA, 2009, p.145). Percebemos então que a mediação como passagem pressupõe um momento singular para quem experimenta.

E para Larrosa (2002) a experiência “é o que nos acontece” (LARROSA, 2002, p.21); o que nos toca sensivelmente. E se:

[...] o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional (LARROSA, 2002, p. 21).

E foi com essa paixão, reflexão, que a experiência realizada em musicalização com os professores de música e os leigos, para um novo instrumento, convidou-os a realizar outras ou novas conexões, e esse processo promoveu um retorno de quando aprendemos qualquer língua nova e também enquanto aprendizes da vida.

Desse modo, “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, p. 79). Embora a cartografia não isole o objeto de seu meio cultural, deixa acontecer em campo; e o cartógrafo deva ir ao encontro aberto ao ‘mergulho’ da pesquisa. Fica então a pergunta: como aprendemos? Praticando!

Assim fizemos, acompanhamos todo o processo, pois muitas das trocas foram musicais, obviamente por se tratar de um aprendizado em música, mas referente à parte técnica, a flauta doce sendo um instrumento novo, colocou o corpo docente no mesmo patamar de dificuldade. Como solucionar as dificuldades trazidas pelos professores, por várias aulas, fazer ensaios monitorados com ações de prática de conjunto, prática em trios e quartetos. Praticando!

E como foram as experiências? Elas foram distintas nos seminários, nas aulas e nas apresentações os transportaram por alguns instantes àquele momento de alunos inquietos, nervosos, com expectativas, com prazer estético, com sonhos, entre outras emoções e afetos, que compartilhavam conosco a cada semana. Como num ritornelo, eles buscaram no tempo, no espaço e nas músicas, sons e lugares outros, agora com olhares e pensares nos seus alunos, nas subjetividades de cada um, talvez como multiplicação do conhecimento ou das práticas ali mediadas e experimentadas.

Acreditamos num despertar histórico, cognitivo, afetivo, inventivo para professores em busca de uma didática aplicada, preocupados com seus alunos, para além da experiência de tocar esse novo instrumento. Nossa experiência como o grupo todas as semanas nos afetou em “[...] sensações: *perceptos* e *afectos* ¹, paisagens e rostos, visões e devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 209).

E, parafraseando Deleuze e Guattari (1991), quando escrevemos, desenhamos, tocamos um instrumento ou cantamos, o fazemos com sensações. Escrevemos, desenhamos, tocamos um instrumento ou cantamos sensações. Os autores dizem que “a sensação não se realiza no

¹ Deleuze (1992) diz que “os *perceptos* não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os *afectos* não são mais sentimentos ou *afecções*, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, *perceptos* e *afectos*, são *seres* que valem por si mesmos e excedem a qualquer vivido”. Fonte: Deleuze, G.; Guattari, F. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 193-194.

Quanto ao devir, Deleuze e Guattari (2012) dizem que “Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo”. Fonte: Deleuze, G.; Guattari. **Mil Platôs**. Trad. Suley Rolnik. Vol 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no *percepto* ou no *afecto*”. Toda matéria se torna expressiva. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 197).

O professor, bem como o artista, é ao mesmo tempo mostrador e provocador de afeto, de afetividades. Como uma energia de fonte puramente humana, o afeto torna-se “[...] um mapa sensível do que acontece em aula, com o que chega e sai dela, transmutado em valor para vida pessoal e social” (MEIRA, PILLOTTO, 2010, p. 11) de todos os envolvidos com e nele, o afeto. O universo que está contido numa sala de aula, o tempo, o espaço e o corpo são pontuados entre a educação e as artes. Arriscamos dizer que o afeto poderia parar o tempo, pois esse tempo/afetivo se mostra diferente do tempo que nos escorre pelos dedos, o tempo pelo tempo.

Pensar no afeto, de acordo com as autoras acima citadas é um dos modos de se pensar a educação, contornando as relações e tudo o que corresponde. Nesse tenso, porém não desgostoso, falar de educação e falar de educação para crianças, jovens, adultos ou idosos, as autoras destacam o gesto, o gesto criador, a carícia. Pois educação é social, relacional, prenunciativa, mediadora. (MEIRA; PILLOTTO, 2010).

Assim, ao final do percurso de investigação a prática de conjunto que se desenvolveu com músicas para quarteto de flautas doces nas aulas oportunizou aos professores o prazer estético, tanto quanto nas apresentações, e o próprio grupo foi se organizando para que ao final do curso pudessem continuar como uma pequena orquestra com flautas doces.

Considerações – outros caminhos possíveis

As experiências compartilhadas, as vivências, os repertórios, os estudos e as pesquisas entre os professores foram muito estimulantes, tanto para nós professoras/mediadoras/pesquisadoras, quanto para os partícipes do processo. Aprendemos juntos, de professoras ensinantes para mediadoras/pesquisadoras/aprendizes que nos proporcionou aulas mobilizando a sensibilidade, provocando mais propostas para um aprendizado mais prazeroso, motivador e constitutivo.

Desta maneira, após provocar os alunos/professores a ativarem e repensarem suas aulas musicais, por meio do contato com a música nas aulas de musicalização com a flauta doce, além de outros recursos musicais percebemos que a investigação pôde contribuir de forma significativa para todos nós,

As interações entre o grupo de professores com os pesquisadores revelaram como maiores aliados os vínculos afetivos, reiterados com a.

[...] a compreensão da música ou mesmo a sensibilidade a ela tem por base um padrão culturalmente compartilhado para a organização dos sons numa linguagem artística, padrão este que, socialmente construído, é socialmente apreendido pela vivência, pelo contato cotidiano, pela familiarização [...]. (PENNA, 2015, p. 31).

Assim, como musicistas/cartógrafas/artistas/pesquisadoras, pensamos que a afetividade na relação com os alunos/professores durante o processo das aulas, tanto dos seminários, quanto nas apresentações e principalmente na formatura, foi o que provocou o pensar/fazer/experienciar artístico e musical, entrelaçando afetos.

E desse modo, ‘andarilhamos’ pela cartografia, intervindo nos processos, fazendo um “mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes [...]” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014, p. 26), esse é o nosso mergulho nessa escrita inventiva.

Neste trajeto, registramos as experiências sonoras tocadas e cantadas, as faladas, os risos, os afetos, entre outras sensibilidades tendo a cartografia como base teórico-metodológica, assim como os participantes do curso registraram os processos de estudos, multiplicidade da didática e do fazer artístico musical para que suas práticas docentes a partir de então possam ser (re) pensadas.

Este trabalho propôs questões sobre afetividade, experiência, sensibilidade, e educação musical como possibilidade para ampliar o olhar sensível sobre o ensino musical. Compartilhando um processo de produção de subjetividades nas observações, nas práticas, nas conversas, e com os diversos efeitos com os alunos e nesse viés, encontramos uma narrativa que se apresentou nas vozes dos partícipes, na escrita e na condição de iniciantes no estudo da flauta doce, não somente como instrumento musicalizador, mas como instrumento a ser estudado individualmente a fim de ser um futuro flautista.

Da mesma forma, refletimos nas palavras de Torregrosa (2017) “[...] sobre os caminhos alternativos da pesquisa em educação a partir das histórias de vida e da arte que nos introduzem novamente na aventura do conhecimento” (TORREGROSA, 2017, p. 303), que nos levam a buscar ainda mais o conhecimento em Educação, Educação Musical e Flauta Doce.

Percebemos que as práticas educativas em musicalização mediadas por seminários, aulas semanais e experiências sensíveis, tendo as artes como ponto central para que os

professores, pudessem se expressar, entendendo que a vida tem seus momentos potenciais, muitas vezes indescritíveis e subjetivos. Os acontecimentos revelam trajetórias afetivas, permeadas pelo ato educativo e imagético.

E, como pesquisadoras/artistas/professoras/cartógrafas notamos que provocar desafios e aprendizados para os alunos/professores, pode transformar-se em experiência sensível.

Verificamos que a educação pelo olhar sensível no contexto de professores aprendizes de um novo instrumento, requer mobilizar disposição e inquietação ao se mergulhar no aprendizado de algo novo, saindo do seu conforto, como possibilidade de construção de sentidos e relações com o seu cotidiano como educador.

Para o aluno é vital ter uma vida prazerosa, desenvolvendo suas potencialidades, a fim de socializar-se com outros e seu entorno. A sensibilidade pode ser promotora de outros conhecimentos em nosso cotidiano, inerente à vida humana (DUARTE JR., 2010). Então, partindo da vivência deste aluno/professor, das suas subjetividades e dos seus afetamentos, esta pesquisa trouxe desafios a eles, desenvolvendo práticas educativas em musicalização com a flauta doce, tendo a afetividade e a ação mediadora sensível como balizadoras desse processo.

Sendo possível percebermos que a partir da musicalização e da investigação, esta pesquisa contribuiu para refletir acerca de nossas resistências na docência, enquanto não compreendemos a subjetividade do nosso aluno, por meio da sensibilidade, do afeto e da generosidade.

Entre os sons dos instrumentos e as práticas dos mesmos, muitas histórias escapavam. As histórias eram validadas no tom de voz, no sorriso, no balançar de cabeça ou numa expressão facial de agrado, de verdade, de aceitação de outros ali presentes. Os alunos estavam construindo um território de cumplicidade; ao passo em que as práticas aconteciam, passamos de estranhos para espectadores de suas vidas e aprendizados.

Então, escrevemos mais uma vez impulsionados pela musicalidade que produzíamos individual e coletivamente. Escrevíamos um pouco nós, pesquisadores, um pouco dos alunos/professores... Experiências inquietantes configuraram percepções de um cotidiano marcado pela longa estrada.

Por conseguinte, na elaboração deste artigo, foi possível observar que nada está concluído e que o tema musicalização por meio da flauta doce para professores e professores leigos, mobilizando experiências e sensibilidades, pode gerar muitas outras pesquisas e questionamentos.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. V. 1. Rio de Janeiro: 34 1995.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 5. ed. Curitiba: Criar, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr. 2002.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Giza. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. Ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: _____; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2014.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TORREGROSA, Apolline. Da arte e da narração à sensível textura de nós. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.